PORTUGUESES EM SANTOS VISTOS ATRAVÉS DOS REGISTROS DE ASSOCIADOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE SANTOS (1879-1889)

Maria Suzel Gil Frutuoso

Introdução

Procurando perceber a presença portuguesa em Santos, foi analisado o Livro I de Registro de Sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, tendo sido consultados 1 514 registros, nos quais estão incluídos portugueses continentais, açorianos e alguns madeirenses, brasileiros e estrangeiros de diversas nacionalidades. Os registros apresentam lacunas, há falhas quanto à origem geográfica, idade, estado civil, profissão e local de residência, por isso não foram levados em consideração na contagem e na elaboração das tabelas.

1. Portugueses em Santos – Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos (1879-1889)

Os dados obtidos focam uma parte da imigração portuguesa em Santos e refletem um perfil desses imigrantes, possibilitando também identificar quem eram os sócios da Beneficência. Os registros trazem nomes, idades, estado civil, naturalidade ou nacionalidade, filiação, profissões, residência, falecimento, mudanças, viagens, alteração na categoria do associado, vários deles anos depois aparecem como benfeitores e beneméritos. Alguns ao se associarem eram profissionais qualificados que mais tarde tornaram-se presidentes e diretores da instituição, demonstrando de certa forma uma evolução social.

Ao examinarmos a naturalidade desses imigrantes verificamos que estão presentes localidades, freguesias, concelhos e distritos de onde partem jovens em busca de melhores condições de vida e por vezes em fuga ao serviço militar. A maioria deles fixados em Santos, terra insalubre, cujo porto exportava a riqueza paulista, o café, e importava mercadorias estrangeiras, parte delas oriundas de Portugal.

No tocante à origem geográfica, estão presentes todas as regiões de Portugal, tornando quase possível uma viagem pelo país. No período em foco, algumas apresentam maior concentração de imigrantes radicados em Santos, especialmente os distritos do norte e do centro, distrito do Porto e de toda a região do Douro, Aveiro, Braga, Coimbra, Leiria, Viana do Castelo, entre outros.

Essas regiões haviam sido afetadas por crises econômicas, especialmente a crise do vinho. Em 1852 o oídio atingiu as plantações do concelho de Peso da Régua espalhando-se pela região. Em 1872 foi a filoxera, que se expandiu também pelo Douro e até fins da década de 1880 todo o país sofria com essa catástrofe, provocando grande imigração[1].

Em Santos fixou-se parte dessa imigração que interagiu fortemente com a cidade, criando no século XIX diversas associações, entre elas a primeira de que temos notícia foi a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos em 1859[2].

No período de 1879 a 1889 foram colhidos os seguintes dados, incluindo continentais, açorianos e madeirenses.

Quadro n.º 1
Naturalidade dos associados da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos (1879-1889)[3]

Naturalidade	N.º associados
Miranda do Corvo (Coimbra)	68
Porto	49
Coimbra	44
Viseu	30
Baião (Porto)	26
Arouca (Aveiro) e Espinhal (Penela/Coimbra)	50
Lousã (Coimbra)	24
Ansião (Leiria) e Penela (Coimbra)	46
São Pedro do Sul (Viseu) e Vila Real	44
Braga e Vila Nova de Famalicão (Braga)	42
Vila Nova de Gaia (Porto)	18
Arcos de Valdevez (Viana do Castelo); Cabeceiras de Basto (Braga) e Chaves (Vila Real)	30
Loivos da Ribeira (Baião/Porto) e Seixo (Mira/Coimbra)	18

[1] FRUTUOSO, 1989: 21-22.
[2] FRUTUOSO, 1989: 162-165.
[3] Os distritos, concelhos e freguesias de maior concentração somaram 684 portugueses e os de outras localidades, que não constaram da tabela, com um indivíduo cada, 532, no total de 1 216 lusos continentais, todos associados à Beneficência Portuguesa de Santos. Entre parenteses está o Concelho e o Distrito a que pertenciam. Não foi possível identificar algumas localidades. Outros associados indicaram "português".

(Continuação do Quadro n.º 1)

Naturalidade	**N.º associados**
Faro	8
Campelo (Figueiró dos Vinhos/Leiria); Leiria; Santa Marinha (Vila Nova de Gaia/Porto)	21
Ovar (Aveiro); Régua (Vila Real); Santa Marinha do Zêzere (Baião/Porto) e Santo André de Poiares (Vila Nova de Poiares/Coimbra)	24
Alvaiázere (Leiria); Avelar (Ansião/Leiria); Cabreiros (Braga); Figueiró dos Vinhos (Leiria); Lisboa; Lustosa (Lousada/Porto); Melgaço (Viana do Castelo) e Resende (Viseu)	40
Amarante (Porto); Barcelos (Braga); Galafura (Peso da Régua/Vila Real); Mafra (Lisboa); Mondim de Basto (Vila Real); Paredes de Coura (Viana do Castelo); Póvoa de Varzim (Porto) e Trancoso (Guarda)	32
Fafe (Braga); Campanhã (Porto); Gilmonde (Barcelos/Braga); Lamego (Viseu); Lousada (Porto); Mondim da Beira (Tarouca/Viseu); Oliveira de Azemeis; e Seixas (Caminha/Viana do Castelo)	24
Arganil (Coimbra); Aveiro; Bustarenga (Manhuce/S. Pedro do Sul/Viseu); Carvalhos (Barcelos/Braga); Celorico de Basto (Braga); Espinhel (Águeda/Aveiro); Figueira das Dornas (?) (Lamego/Viseu (?); Guimarães (Braga); Medão (Peniche/Leiria); Penafiel (Porto); Sabrosa (Vila Real); São Thiago de Lustosa (Lousada/Porto); Valpaços (Vila Real); Vila do Conde (Porto); Vila Flor (Bragança); Vila Nova de Silveira (Silveira?)/Concelho de Vila Nova do Paiva? Viseu (?) Zêzere (?) (Ferreira do Zêzere? Santarém?)	34

Quadro n.º 2
Idades dos associados da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos (1879-1889)

Anos	**Idades**
1879	De 11 a 60 anos. Maior concentração entre 18 e 41 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 25, 22, 21, 24, 18, 27 e 30 anos.
1880	De 12 a 60 anos. Maior concentração entre 21 e 38 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 22, 24, 27, 28, 38, 20 e 25 anos.
1881	De 11 a 60 anos. Maior Concentração entre 18 e 28 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 28, 26, 22, 25, 20, 23 e 21 anos.
1882	De 13 a 52 anos. Maior concentração entre 14 e 40 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 23, 21, 26, 29, 30, 28 e 15 anos.
1883	De 12 a 55 anos. Maior concentração entre 18 e 42 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 23, 22, 25, 28, 31, 20 e 24 anos.
1884	De 12 a 61 anos. Maior concentração entre 16 e 38 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 22, 30, 23, 19, 24, 27 e 21 anos.
1885	De 11 a 58 anos. Maior concentração entre 22 e 44 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 28, 25, 26, 30, 32, 35 e 24 anos.
1886	De 10 a 57 anos. Maior concentração entre 17 e 44 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 26, 22, 32, 24, 25, 23 e 21 anos.

(Continuação do Quadro n.º 2)

Anos	Idades
1887	De 12 a 60 anos. Maior concentração entre 17 e 45 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 30, 23, 26, 29, 22, 25 e 32 anos.
1888	De 10 a 70 anos. Maior concentração entre 16 e 40 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 23, 22, 24, 27, 16, 17 e 26 anos.
1889	De 9 a 63 anos. Maior concentração entre 14 e 45 anos. Maior concentração por ordem decrescente: 25, 14, 19, 20, 30, 36 e 22 anos.

Quadro n.º 3
Estado Civil dos associados da Sociedade
Portuguesa de Beneficência de Santos (1879-1889)

Anos	Solteiros	Casados	Viúvos
1879	96	25	1
1880	73	30	1
1881	55	20	-
1882	75	22	1
1883	129	30	4
1884	82	17	4
1885	78	35	-
1886	89	44	2
1887	81	19	4
1888	69	25	1
1889	78	36	6
Total	**905**	**303**	**24**

O número de solteiros é sempre bem superior ao de casados. Apenas nos anos de 1885, 1886 e 1889, os casados representaram quase 50% dos solteiros e os viúvos são minoria. No total, foram 905 solteiros, 303 casados e 24 viúvos. Na soma geral os casados representaram praticamente um terço dos solteiros. Mas nem todos os registros consultados indicavam o estado civil do associado.

Quadro n.º 4
Profissões dos associados da Sociedade
Portuguesa de Beneficência de Santos (1879-1889)

Profissões	N.º Associados
Trabalhador	524
Caixeiro	219
Negociante	137
Carpinteiro	62

(Continuação do Quadro n.º 4)

Profissões	**N.º Associados**
Pedreiro	51
Alfaiate	40
Canteiro e operário	74
Comércio	14
Sapateiro	12
Barbeiro	10
Ferreiro, jardineiro	18
Guarda-livros, padeiro, marceneiro	24
Costureira, cozinheiro	14
Artista, proprietário	12
Enfermeiro, farmacêutico, ferrador, funileiro, tanoeiro	20
Comerciante, pintor, serrador	9
Calceteiro, capitalista, cocheiro, dentista, leiloeiro, médico	12
Carroceiro, cavaqueiro, charuteiro, cobrador, correeiro, correio, empregado, empregado no comércio, empregado do Diário, empregado de marmoraria, lavrador, marmorista, marítimo, pioneiro, relojoeiro, serralheiro, tamanqueiro	17
Total	**1 269**

Em alguns registros não constava a profissão do associado.

Os trabalhadores estão em primeiro lugar, seguidos dos caixeiros e em terceiro os negociantes, depois os carpinteiros, pedreiros, alfaiates, canteiros e operários.

Ao longo do período pesquisado estas posições quase não se alteraram, mantiveram-se ano a ano, com um total de 51 profissões com 1 269 profissionais. Enquanto os trabalhadores somaram 524, as outras profissões em conjunto contaram com 745.

Quadro n.º 5
Residência dos associados, por rua, em Santos (1879-1889)

Residência[4]	**N.º Associados**
Rua São Leopoldo	148
Rua Marquês de Herval	130
Rua 25 de Março	102
Rua do Rosário	57
Rua General Câmara	54
Rua São Bento	46
Rua Santo Antônio	44
Rua Frei Gaspar	37

[4] Mapa da cidade de Santos nessa época, ver PEREIRA, FRUTUOSO, 2010: 129.

(Continuação do Quadro n.º 5)

Residência	**N.º Associados**
Rua Frei Gaspar	37
Rua 24 de Maio	33
Rua Amador Bueno	29
Rua José Ricardo	24
Rua Itororó	23
Rua São Francisco	22
Rua Xavier da Silveira	19
Rua Senador Feijó, Praça dos Andradas e a Barra	51
Largo da Coroação	14
Largo 11 de Junho	11
Rua Martim Afonso e Rua Octaviano	20
Rua Bittencourt e Duas Pedras	18
Rua Visconde do Rio Branco e Pedreira Inglesa	16
São Vicente (a cidade)	6
Largo do Carmo, Serra, Raiz da Serra	15
Rua da Constituição, Rua das Flores, Rua João Octávio, Rua da Penha, Largo dos Gusmões e Sítio das Palmeiras	24
Rua Brás Cubas, Vila Nova e Cubatão	9
Largo da Imperatriz, Outeirinhos, Praça do Mercado, Rua Andrade Neves, Rua 7 de Setembro, Rua 28 de Setembro, Travessa Alexandre de Gusmão, Travessa Cayuby, Travessa Mauá, Travessa São Bento, Sítio Santa Maria, Vila Mathias e no Hospital da Beneficência	26
Alto da Serra, Boqueirão da Barra, Borda do Pontão, Caminho da Barra, Gasômetro, Jabaquara, Ponta da Praia (Barra), Largo da Banca, Largo do Mercado, Largo Monte Alegre, Praça Visconde do Rio Branco, Rua Baptista Pereira, Rua 2 de Dezembro, Rua Conselheiro Nébias, Rua Dr. Cochrane, Rua da Imperatriz, Rua Nova, Rua 11 de Junho, Rua Setentrional, Rua 22 de Setembro, Santa Casa, Valongo	22

Os portugueses ocuparam as ruas do que era na época o centro urbano e também aquelas áreas em direção às praias. A cidade se expandia. Possivelmente ocuparam espaços que eram em parte residências e locais de trabalho, pensões e cortiços.

2. Açorianos e madeirenses

Quadro n.º 6
Origem/Naturalidade dos associados açorianos e madeirenses

Açorianos		Madeirenses	
Ilha de São Miguel	51	Funchal	1
Ilha Terceira	17	Indicaram apenas a Ilha da Madeira	6
Ilha do Faial	7	-	
Ilha do Pico	7	-	
Ilha das Flores	3	-	
Ilha Graciosa	1	-	
Indicaram apenas Açores	2	-	
Total	**88**	**Total**	**7**

Quadro n.º 7
Estado civil dos associados açorianos e madeirenses

Estado civil	Açorianos	Madeirenses
Solteiros	50	5
Casados	29	1
Viúvos	3	1
Total	**82**	**7**

Nota: Não indicaram o estado civil, 6 açorianos.

Quadro n.º 8
Idades dos associados provenientes dos Açores e da Madeira

Açorianos – entre 13 e 66 anos		Madeirenses – entre 21 e 62 anos	
28 anos	8	Idades: 21, 22, 31, 46, 62	5
31 anos	6	-	
29, 30, 32, 33	16	-	
21, 27, 35	9	-	
25, 24, 26, 27, 40	10	-	
Outras 20 com 1 indivíduo cada	20	-	
Sem indicação	19	Sem indicação	2
Total	**69**	**Total**	**7**

Quadro n.º 9
Profissões dos associados provenientes dos Açores e da Madeira

Açorianos		Madeirenses	
Trabalhador	40	Trabalhador	2
Negociante	9	Negociante	-
Caixeiro	6	Caixeiro	2
Pedreiro	6	Pedreiro	1
Charuteiro	4	Médico	1
Comércio	3		
Carpinteiro, marceneiro, operário, vaqueiro	8	-	
Costureira, dentista, jardineiro, marítimo, sapateiro	5	-	
Sem indicação	7	Sem indicação	1
Total	**88**	**Total**	**7**

Quadro n.º 10
Residência dos associados de origem açoriana e madeirense

Açorianos		Madeirenses	
Ruas: do Rosário e Marquês de Herval	12	Rua 25 de Março	2
Ruas: Amador Bueno, Bittencourt e 25 de Março	15	Rua São Francisco	1
Rua Brás Cubas	4	Rua Senador Feijó	1
Ruas: General Câmara, São Bento e São Francisco	9	-	
Ruas São Leopoldo e Xavier da Silveira	4	-	
Ruas da Constituição, das Flores, Itororó, José Ricardo, 11 de Junho, Santo Antônio, Praça dos Andradas, Vila Nova e São Vicente (cidade)	9	-	
Indicaram apenas Santos:	16	-	
Sem indicação	19	Sem indicação	3
Total	**88**	**Total**	**7**

3. Alguns esclarecimentos sobre os sócios e o patrimônio da Beneficência

Ao analisarmos os registros dos sócios da Beneficência, verifica-se que a maioria era de pessoas que possuíam certa condição financeira, a fim de arcar com os custos de se associarem à instituição, mesmo entre aqueles cuja rubrica profissional constava como "trabalhador". Os que não contavam com qualquer meio, em geral eram

tratados no hospital da Santa Casa de Misericórdia, o mais antigo e gratuito da região, fundado no período colonial por Brás Cubas.

Segundo os estatutos da Beneficência, seriam sócios todos os portugueses de ambos os sexos, de ocupação honesta e reconhecida moralidade que obteriam diplomas, pagariam jóia de mil réis e mensalidades de 500 réis em quadrimestres adiantados. Teriam ainda direito ao benefício os filhos menores de 14 anos, de nacionalidade portuguesa ou brasileira[5].

O patrimônio da Sociedade era proveniente da jóia paga na admissão do associado e mensalidades, além disso, recebia doações de qualquer natureza e os rendimentos constituíam-se com os lucros que produzia o capital da Sociedade, empregado em depósitos nos bancos comerciais e na aquisição de ações da dívida pública. Festas, recitais, peças teatrais, arrecadavam fundos para a Beneficência. As constantes campanhas também aumentavam o número de sócios. Em 1861 há uma grande campanha com esse objetivo. Firmam convênio com a Santa Casa para tratamento dos associados enquanto não ficasse pronto o hospital da Beneficência, que entra em funcionamento somente em 1878, daí a importância de firmar convênios[6].

4. Brasileiros, portugueses e outros estrangeiros se associam à Beneficência

Desde o início de sua fundação, a Beneficência registra alguns associados brasileiros e estrangeiros, pessoas de destaque com condições financeiras de contribuir. Personalidades e autoridades civis, militares, religiosas e diplomáticas, além de empresários entram para a Instituição. São pessoas de Santos, de cidades da província de São Paulo e de diversas províncias brasileiras. Um dos sócios ilustres, o visconde do Embaré, brasileiro, casado, proprietário, benfeitor, associou-se em 31 de Janeiro de 1881; o Barão de Wildick, casado, cônsul geral, residente no Rio de Janeiro, benfeitor, em 30 de Dezembro de 1881, faleceu em Portugal; Domingos Peixoto Ferreira Sousa, comendador Manoel Ferreira Serra; Jeronymo José Gonçalves Tinoco; Serafim de Faria Machado, todos se associaram como beneméritos em 20 de Fevereiro de 1882 e residiam no Rio de Janeiro, não sendo indicada a nacionalidade. Frei Abade de São Bento residia no Rio de Janeiro, talvez em visita ao Mosteiro de São Bento em Santos, tornou-se sócio em 1884. Funcionários da Beneficência também se associaram, alguns moravam no hospital.

Atores e artistas também se tornaram sócios, ou residiam na cidade ou estavam de passagem por ela, faziam doações tornando-se benfeitores, possivelmente movidos

[5] Estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, aprovados na primeira assembléia em 21 de Agosto de 1859.
[6] FRUTUOSO, 1989: 165.

pelas campanhas e pelas necessidades da instituição ou porque precisassem dos serviços de saúde do hospital.

Informados sobre as epidemias, brasileiros, estrangeiros e portugueses de várias cidades do país, se associaram como benfeitores e beneméritos, ajudando assim na ampliação dos tratamentos de saúde.

São comuns os registros de portugueses residentes no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Campinas, Jundiaí, Mogi-Guassú, Amparo, Itú, e de outras cidades produtoras de café na Província de São Paulo. Em geral são negociantes, que provavelmente mantinham relações comerciais com a cidade de Santos devido aos negócios e serviços gerados pelo café. O comendador Antonio Baptista de Oliveira, por exemplo, residia em Monte Sião (Minas Gerais) e Amparo (São Paulo), associou-se em 14 de Dezembro de 1882.

Destacam-se alguns santistas de nascimento, o major António Eustachio Largocha, sócio honorário, casado, negociante, associado em 16 de Maio de 1882; Pedro Borges Saes, casado, leiloeiro, residente na Rua Xavier da Silveira, em 14 de Dezembro de 1882. Outros que também moram em Santos são naturais de cidades do litoral paulista, Antonio José Malheiros Junior, é de Ubatuba, litoral norte da Província de São Paulo, casado, leiloeiro, residente à Rua General Câmara. Provavelmente atraídos pela causa humanitária presente nas campanhas e por razões de saúde.

Em 1886 há diversos sócios da cidade e do interior de São Paulo e do Rio de Janeiro, que aparecem como remidos, benfeitores e beneméritos, associados na mesma data, possivelmente atraídos por mais uma das campanhas anunciadas em jornais e pelas epidemias que grassavam na década de 1880. Alguns são comendadores, casados, capitalistas, a exemplo do Conde de São Salvador de Matosinhos, português, casado, capitalista, residente no Rio de Janeiro, tornou-se benemérito, outros são brasileiros que também possuem o título de comendadores e estrangeiros, como Joaquim Fernandes Lagos, natural de Redondella (Espanha), solteiro, 27 anos, negociante, benfeitor, residente em Santos.

Quase sempre os associados brasileiros e estrangeiros são benfeitores ou beneméritos e indicam como atividade, proprietário, capitalista, negociante, militar e religioso, também entre os portugueses de outras cidades a atividade de negociante, capitalista e proprietário é comum.

Mesmo sendo de grande importância a associação de pessoas fora de Santos, são os sócios portugueses, habitantes desta cidade, trabalhando em diversas atividades, associados em várias categorias, os responsáveis pela manutenção da Instituição. Ser benemérito e benfeitor, pertencer à diretoria e ao conselho da Beneficência traz prestígio social.

5. Análise dos registros – os sócios portugueses da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos

5.1. Associados

Os sócios da Beneficência entravam para a instituição, na categoria ou grau de: ativos, pagando jóia e mensalidade; remidos pagando de uma só vez; benfeitores e beneméritos de acordo com as doações, contribuições em dinheiro, imóveis ou serviços para o bem da Sociedade. No caso de alguns, é possível seguir sua evolução como associados. De ativos a remidos e a benfeitores ou beneméritos, com novos diplomas, nos quais consta o número do registro e a categoria. Manoel da Rocha é natural de Colares, solteiro, idade não indicada, negociante, residente à Rua 24 de Maio, entra para a Beneficência em 15 de Abril de 1879 como ativo, anos depois aparece como benfeitor, faleceu em 11 de Agosto de 1929. Agostinho Maria da Rocha, natural de Sabrosa, solteiro, 13 anos, caixeiro, residente à Rua 24 de Maio (talvez fosse parente de Manoel da Rocha), associou-se em 27 de Fevereiro de 1880 na categoria de remido e tornou-se benfeitor em 14 de Janeiro de 1929. É possível que após tantos anos tivesse se tornado negociante, ou outra profissão que o tenha elevado ao grau de benfeitor. José Francisco Laborinha, natural de Figueira das Dornas, em 15 de Fevereiro de 1879, com 42 anos, solteiro, jardineiro, ativo, passando à categoria de benfeitor em 31 de Dezembro de 1883. Faleceu (não foi indicada a data).

Alguns jovens caixeiros entram como ativos e anos depois constam como remidos e benfeitores, indicando possivelmente uma evolução financeira que estaria ligada a atividades comerciais e de negócios, o mesmo ocorre com profissionais qualificados, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, alfaiates, etc. Mas, ao mudarem de categoria, a atividade profissional não é indicada, não sendo possível acompanhar se também houve mudança profissional.

Os dados sobre benfeitores e beneméritos tornam possível acompanhar vários deles. Informações como, ausente em Portugal, na Europa, no Rio de Janeiro, viagem em Portugal e na Europa, mostram prováveis viagens de lazer e negócios. No caso de falecimento quase sempre é indicada a data em que ocorreu, dia, mês, ano e local (em casa, no hospital da Beneficência, uns poucos na Santa Casa, em Portugal, no Rio de Janeiro, ou em cidades do interior de São Paulo).

Em outros casos a evolução econômica e social aparece com mais clareza, quando recebem o título de "Comendador", em geral negociantes, proprietários e capitalistas, entre eles alguns passam a fazer parte do quadro de diretores da Sociedade, cujos retratos pintados a óleo estão expostos nas áreas nobres do atual hospital da Beneficência.

Tornar-se sócio da Instituição era praticamente uma necessidade e obrigação a fim de carrear recursos à Sociedade, numa cidade consumida por doenças e epidemias que atingiam a população.

No período anteriormente pesquisado de 1862 a 1878, o número de associados é menor, a população portuguesa na cidade também é menor, assim como a população geral. Na década de 1880 cresce o número de associados, mas neste período Santos é atingida por várias epidemias que provocam muitos óbitos[7]. A população crescera devido ao desenvolvimento portuário e às atividades urbanas, centradas principalmente na exportação de café e importação de mercadorias[8]. Em 1881 fora criada a Companhia City e em 1888 a Companhia Docas entra em funcionamento atraindo trabalhadores.

Além dos negociantes e dos profissionais qualificados, que parecem, os mais bem sucedidos, há um elevado número de trabalhadores que ingressam com essa rubrica, e após alguns anos parte deles tornam-se remidos e às vezes benfeitores, provavelmente a maioria não era rica, mas remediada.

5.2. Mulheres associadas

A grande maioria dos sócios são homens solteiros, mesmo entre os casados, quase sempre o associado é o marido. Sendo o chefe da família, era o maior responsável pela manutenção da mesma, caso morresse esta ficava desamparada ou em situação precária. Embora poucas, as mulheres também se associaram, quase sempre são solteiras, algumas com mais de 50 anos de idade. D. Thereza Maria Barbosa, natural do Porto, solteira, 58 anos, costureira, residente à Rua do Rosário associou-se em 27 de Abril de 1881. As casadas em geral são benfeitoras e entram como sócias juntamente com os maridos. D. Francisca de Jesus Pinto é registrada apenas como "casada"; D. Cândida de Mattos em 1883, indicada como "senhora de Luiz José de Mattos", um dos benfeitores.

As mulheres, no grau de ativa, remida ou benfeitora, solteiras, casadas e viúvas que trabalhavam, tinham a profissão de costureira, provavelmente trabalhando na própria residência ou em oficinas de costura. Há uma preocupação com a saúde, sobretudo as solteiras que dependiam de si mesmas para se sustentarem e como tinham uma atividade profissional podiam arcar com os pagamentos exigidos pela Instituição, mesmo que isso dependesse de fazer alguma economia.

Em 20 de Fevereiro de 1882 várias mulheres se associam como beneméritas e honorárias quase todas casadas. D. Maria Augusta de Magalhães Peixoto, casada,

[7] PEREIRA, FRUTUOSO, 2009: 96-97.
[8] FRUTUOSO, 2008: 142-143.

benemérita; D. Ignacia Silveira Pinto de Oliveira, honorária, casada, ambas residiam à Rua 28 de Setembro; D. Amélia Augusta do Monte Guimarães, benemérita, seu estado civil não é indicado e D. Amélia C. Barbosa Soares, casada, residia à Rua Santo António. Em seus registros não consta a naturalidade ou nacionalidade, nem profissão, como eram quase todas casadas supõem-se que fossem "do lar". Podem ser portuguesas ou brasileiras, casadas com homens portugueses ou brasileiros.

5.3. Familiares se associam à Beneficência

No ano de 1881 há o registro de crianças associadas pelos pais, provavelmente pelas razões mais comuns: a preocupação com os surtos de epidemias e outras doenças que ceifavam vidas em qualquer idade, sobretudo as mais novas. Outras vezes, talvez porque as crianças já apresentassem problemas de saúde. Joaquim Estanisláo de Barros, natural do Porto, 29 anos, negociante, benfeitor, residente à Rua 24 de Maio, casado com Maria Lima de Barros, associou-se juntamente com o filho, Joaquim Antonio de Barros, natural de Santos, dois anos de idade, benfeitor em 31 de Janeiro de 1831. Essa criança faleceu em 30 de Julho de 1881, quase oito meses depois.

A família Serpa é outro exemplo, Manoel Francisco Serpa, natural dos Açores, casado, 35 anos, negociante, residente à Rua do Rosário, n.º 68, em Santos, além de ter associado sua esposa D. Alexandrina de Jesus Serpa, 28 anos, costureira, em 18 de Novembro de 1881, também associou os filhos nascidos em Santos, Roberto Soares Serpa de três anos e o irmão Francisco Soares Serpa de quatro anos em 14 de Março de 1882 e a filha Maria de Jesus Serpa, seis anos em 4 de Dezembro de 1882. Toda a família entra para a Beneficência como sócia em diferentes datas já remida, provavelmente porque o dinheiro não estava disponível para associar a todos de uma única vez. Francisco Jacintho Mariano, 11 anos, caixeiro, natural de Santos, remido, associou-se em 17 de Maio de 1881 com o pai José Jacintho Mariano, mas em 1885 tornou-se benfeitor, tinha então 15 anos de idade. Há períodos em que a associação à Beneficência ocorre na mesma data, indicando graus de parentesco, nomes de família e endereços iguais.

Como os primeiros estatutos garantiam que os filhos menores de 14 anos recebessem assistência de saúde, é provável que a associação dos filhos ainda crianças tenha sido por razões relacionadas a campanhas, ou porque os membros da família tornando-se benfeitores pudessem em caso de doença usufruir de melhores instalações hospitalares.

5.4. Profissão e parentesco

Nos associados jovens, observa-se por vezes que eram irmãos e que exerciam a mesma atividade. As profissões são variadas. Homens bastante jovens, com idades de 17, 19, 20, 21, 22 anos, são negociantes, o que é curioso, uma vez que, para se estabelecerem seria necessário algum capital, o que podia ser fornecido por parentes ou amigos que já se encontrassem exercendo essa atividade, ou formaram algum pecúlio para depois se estabelecerem como negociantes.

Em diversos registros aparece um irmão negociante, ainda jovem e depois um ou dois irmãos caixeiros, possivelmente trabalhando para o mais velho, e daí talvez viesse uma sociedade. É comum pais e filhos exercerem a mesma profissão, o que de certa forma é natural, carpinteiros, pedreiros, marceneiros, barbeiros, alfaiates, sugerindo que trabalhavam por conta própria, estabelecidos com oficinas, ou prestando serviços a outros como autônomos, mas nem sempre isso ocorre, mesmo entre parentes há aqueles que optam por outras profissões.

5.5. Jovens associados – os caixeiros e profissionais qualificados

O período de 1879 a 1889 apresenta um número expressivo de imigrantes jovens, com idades de 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17 anos, em geral caixeiros. Em 1886 há o registro de Paulino Pereira de Sousa, natural de Lustosa, 10 anos, caixeiro. Aparecem também com outras profissões qualificadas, como marceneiro, carpinteiro, canteiro, barbeiro, alfaiate, principalmente os de 14, 15, 16 anos. Não ficando claro se eram aprendizes de algum ofício ou se possuíam o domínio da profissão. Outros com idades de 17, 18 e 19 anos são negociantes.

Um fato a considerar é que nos registros de boa parte desses imigrantes, no item filiação consta apenas "pais incógnitos" ou o nome da mãe. Levando a crer tratar-se de jovens empurrados para a imigração pela mãe, parentes ou conhecidos, o que é uma situação típica, acreditava-se que teriam melhor condição de vida e a possibilidade de fazer fortuna.

Alguns dos caixeiros, com 11, 12, 13, 14, 15, 16 anos, nascidos em Santos, são brasileiros, filhos de portugueses negociantes e de outras profissões qualificadas, cujos pais os associaram à Beneficência, trabalham com os pais ou para os pais, a exemplo de João da Silva Azevedo, natural de Santos, 14 anos, filho de Manoel da Silva Azevedo, português, negociante. Esse jovem associado em 1883, faleceu em 1901 com 32 anos de idade.

Noutros "caixeirinhos" de 11, 12 e 13 anos portugueses também é indicado o nome do pai, negociante, associado, apontando para um pequeno estabelecimento onde trabalhava a família. Mas na maioria das vezes as crianças "caixeiras" trabalham para outros. Há ainda os pequenos "trabalhadores", são muito jovens, trabalhando possivelmente por jornada. Vicente d' Almeida, 13 anos, natural de Famalicão, trabalhador, nada consta no item filiação, associou-se em 1883 e faleceu em 11/6/1927, no hospital da Beneficência, com 57 anos.

5.6. Associados eliminados e desligados da Instituição

O fato de se tornar sócio não significava que permanecesse como tal, caso não cumprisse o determinado pelos estatutos. São eliminados por várias razões. Em 1881, uma reunião de diretoria realizada em 28 de Agosto daquele ano ajustou pendências, eliminando sócios de anos anteriores. Nem sempre as razões dos desligamentos ficam claras, mas ocorrem por falecimento, por ausência e falta de pagamento. Em seus estatutos, a Beneficência exigia que fossem pessoas de bom comportamento e bons costumes. A mudança para outra cidade ou o retorno ao país de origem podem concorrer para o desligamento, o que facilmente é observado em alguns registros, que trazem a informação "mudou-se para o Rio de Janeiro", "retirou-se para Portugal", "ausente em Portugal".

Nos registros em que aparece a rubrica "sem efeito" ou cancelados, o associado é desligado por não pagar jóia, obrigação para ingressar na Instituição, em geral eram trabalhadores de diferentes idades e até mesmo aqueles com qualificação profissional são cancelados por falta de pagamento.

Há adolescentes de 13, 14, 15 anos, caixeiros, nessa situação, associados à Beneficência, desligados por não pagarem jóia, aparecem tempos depois com um novo registro, foram readmitidos porque justificaram que na época da eliminação não podiam pagar, os motivos não são apontados, mas podem ter ocorrido por desemprego ou baixa remuneração, o que tornava difícil para alguém tão jovem arcar com essa responsabilidade.

5.7. Falecimento de associados

O falecimento é um dado que chama a atenção, por tratar-se principalmente de indivíduos jovens, adolescentes e crianças. Em alguns casos é indicada a data do falecimento, em outros apenas a palavra "faleceu", às vezes já no século XX.

De 1879 a 1881, ocorre o desligamento por morte de diversos associados, quase sempre jovens, ou relativamente jovens, antes dos 30 anos. Francisco Ruívo, natural de Parafitas, solteiro, 16 anos, caixeiro, foi eliminado em 28 de Agosto de 1881 por falecimento.

As más condições de saúde, trabalho, moradia, insalubridade da cidade de Santos nessa época, podem ser apontadas como as principais causas de óbito.

Um fato curioso, indivíduos se associavam e faleciam um ou dois anos depois ou apenas em alguns meses, semanas ou dias. Leandro Dias, natural de Miranda do Corvo, solteiro, 24 anos, trabalhador, residente à Rua Amador Bueno, entrou como sócio em 25 de Setembro de 1879 e faleceu no hospital da Beneficência em 12 de Agosto de 1880, portanto, alguns meses após associar-se. Joaquim Mendes de Carvalho, natural de Vila Nova de Famalicão, solteiro, 18 anos, caixeiro, residente à Rua 24 de Maio, sócio em 18 de Novembro de 1879, faleceu também no hospital da Beneficência em 6 de Junho de 1880.

A mortalidade especialmente entre os caixeiros de 13, 14, 15, 16 anos é alta. Mas, o que mais chama a atenção, é o registro ser posterior ao falecimento, dando a impressão de que eram internados já doentes e a família ou amigos os associavam após a morte, pagando jóia e assim cobrindo os custos da internação. Leonardo Francisco, natural de Miranda do Corvo, solteiro, 22 anos, trabalhador, faleceu em 31 de Março de 1879 e sua matrícula como associado em 7 de Abril de 1879. É uma questão de dias entre o falecimento no hospital da Beneficência e a associação à Instituição.

5.8. Associados – endereços e ocupação dos espaços urbanos

Observa-se a presença dos portugueses em praticamente todos os lugares de Santos. São indicados nomes de ruas, praças e largos, ou apenas o nome da cidade.

Jovens de uma mesma localidade de origem, com a mesma profissão, residiam na mesma rua, às vezes no mesmo número, sugerindo uma residência que abrigava vários parentes (verificado pelos nomes de família) e amigos, ou em cortiços e pensões, dado o número de pessoas que indicaram um mesmo número em determinadas ruas. Em geral associavam-se nas mesmas datas movidos pelas necessidades de tratamento caso adoecessem ou pelas inúmeras campanhas da Beneficência, conclamando portugueses com efeitos positivos no seio da comunidade lusa. Embora as condições de moradia nem sempre fossem adequadas, mantinham a proximidade da colônia lusa e favorecia a manutenção de suas tradições. As associações portuguesas de Santos na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX encontravam-se nesses espaços.

Outras localidades do município são indicadas, a exemplo de Cubatão, na época um pequeno povoado cercado por área agrícola, por vezes o local da residência é citado como "raíz da serra", provavelmente alguma propriedade rural no sopé da Serra do Mar na região de Cubatão ou da Piassaguera. Ou ainda as regiões mais afastadas do centro da cidade que já davam mostras da futura ocupação da periferia da cidade, em direção às praias (Barra e Ponta da Praia).

A vizinha cidade de São Vicente (primeira vila colonial do Brasil) situada juntamente com Santos na Ilha de São Vicente quase não é indicada. Há poucos associados dessa cidade, população menor, centrada no perímetro do antigo núcleo colonial, mas já expandido e cercado de chácaras, pequenas propriedades que possuíam hortas e pomares, ou apenas casas com grandes quintais, jardins e algumas árvores frutíferas, criações domésticas, alojada numa região salubre, com uma topografia mais elevada do que Santos, onde as águas das chuvas torrenciais e os efeitos das marés altas pouco afetavam. Riachos, canais naturais, várzeas e manguezais estavam preservados, impedindo assim que a cidade ficasse alagada como Santos.

Nesses espaços fixaram-se os portugueses de diversas origens, ruas, largos, praças, próximos ao porto ou mais afastados dele, marcando assim seus lugares de residência e de trabalho.

Considerações finais

Os registros dos sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, entre 1789 e 1889, possibilitam um panorama sobre a imigração lusa na cidade, mostram um perfil desses imigrantes, jovens, solteiros em sua maioria, oriundos de diversas regiões de Portugal continental e insular, fugindo de crises econômicas e ao serviço militar. Fixaram-se em Santos, terra insalubre, em expansão graças ao seu porto e aos negócios gerados pelo café.

Sendo a principal corrente imigratória na cidade, ocupou os espaços urbanos e neles teceu relações sociais de vivência, convivência e de trabalho através de diversas atividades profissionais; o papel que tiveram os associados residentes em Santos e em outras cidades e regiões do país, o crescimento do número de crianças, adolescentes, jovens, mulheres e famílias, em busca de apoio à saúde. O desligamento e cancelamento de matrículas de associados, a mortalidade de jovens, apontam para o problema de doenças, de trabalho e moradia, numa cidade atacada por epidemias que levaram a inúmeros óbitos na população santista na década de 1880, atingindo também os portugueses. Além das questões relacionadas à saúde, ser sócio da Beneficência trazia prestígio social, especialmente aos benfeitores, beneméritos, diretores e conselheiros da Instituição. A história da Beneficência é parte da história da imigração lusa

na região. Das páginas do Livro de Registro desfilam vidas vividas com esperanças e tristezas, com sucessos e infortúnios. Assim é a face da imigração. Foram esses dados que nos permitiram compor parte dessa história no período proposto.

Fontes e bibliografia

Fontes

Livro I do registro de sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos.

Estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos – aprovados na primeira assembléia em 21 de Agosto de 1859.

Bibliografia

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 1989 – *Emigração Portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos 1850-1950*. São Paulo: USP.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 1995 – "O café e a imigração em Santos", in PEREIRA, Maria Aparecida Franco (coord.) – *Santos Café e História*. Santos: Ed. Leopoldianum.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 2008 – "A presença portuguesa no comércio em Santos", in MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (coords.) – *Deslocamentos & Histórias: os Portugueses*. Bauru/SP: Edusc.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco; FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 2007 – "Fontes para o estudo da presença portuguesa em Santos", in SOUSA, Fernando de; MARTINS, Isménia de Lima; PEREIRA, Conceição Meireles (coords.) – *A Emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco; FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 2009 – "Os trabalhadores portugueses na cidade portuária de Santos, no final do século XIX", in SOUSA, Fernando de; MARTINS, Isménia de Lima; MATOS, Maria Izilda (coords.) – *Nas Duas Margens. Os portugueses no Brasil*. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco; FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 2010 – "Portugueses na vida econômica da cidade, em Santos, na segunda metade do século XIX", in SOUSA, Fernando de; SARGES, Maria de Nazaré; MATOS, Maria Izilda; JUNIOR, Antonio Otaviano Vieira; CANCELA, Cristina Donza (coords.) – *Entre Mares. O Brasil dos portugueses*. Belém/PA: Ed.Paka-Tatu.